

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

AS MULHERES NA FILOSOFIA, O FEMINISMO E A ÉTICA

Autor: Jaime Farherr¹

Orientadora: Dra Ester Maria Dreher Heuser²

Resumo:

Este artigo põe luz à presença das mulheres na história da filosofia. Destaca a importância das mulheres para o desenvolvimento do pensamento filosófico, sobretudo Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir; debate questões de gênero a partir das contribuições dessas filósofas e aborda a ética de uma perspectiva feminina. Como conclusão das atividades do PDE (2016-2017), orientadas pela metodologia proposta nas Diretrizes curriculares para a filosofia do Paraná, o artigo apresenta alguns resultados alcançados na implementação do Projeto que integrou o conteúdo com a realidade e o interesse dos estudantes. Ademais, aborda o profícuo trabalho realizado com professores no GTR, o qual aprofundou e ampliou as perspectivas sobre o tema; contribuiu para a formação de seus membros e produziu novos materiais didáticos acerca de uma problemática praticamente ausente nos livros didáticos.

Palavras-chave: Filósofas. Feminismo. Ética.

1 Introdução

Esse artigo é a conclusão das atividades desenvolvidas no PDE em 2016 e 2017. A linha de estudos é Ética e Filosofia Política, com foco na relação da Filosofia com as questões de gênero. O tema de estudos trata das mulheres na filosofia, o feminismo e a ética, motivado, primeiramente, pelo fato de, por muito tempo, ter se pensado que não houve mulheres na história da filosofia. Pensamento errôneo e, em boa medida, prejudicial para o próprio pensamento filosófico. O trabalho de pesquisa focou-se principalmente no estudo das filósofas Heloísa de Paráclito (1101-1164), Mary Wollstonecraft (1759-1797) e Simone de Beauvoir (1908-1986).

São vários os motivos que justificam essa pesquisa no PDE. O primeiro é que esse tema raramente é abordado nos livros didáticos da disciplina de filosofia.³ O segundo motivo é que analisar as contribuições dessas pensadoras nos insere na questão da reprodução dos preconceitos e da violência contra a mulher na nossa sociedade. Diante disso, a escola precisa debater com os alunos e procurar combater as várias formas de preconceito. Percebi muitas vezes a reprodução de vários preconceitos em sala de aula, entre eles contra a mulher. O estudo desse

¹ Professor de Filosofia e História da rede estadual do Paraná. Graduado em Filosofia com especialização em Fundamentos da Educação.

² Professora na Licenciatura e Pós-graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

³ Quando o Projeto de Intervenção Pedagógica foi escrito em 2016 apenas o livro de Sílvia Gallo (2013) *Filosofia: experiência do pensamento* trazia discussões sobre a relação entre filosofia e as questões de gênero. Em 2017 chegaram às escolas novos livros didáticos para a escolha dos professores e algumas questões são tratadas também em outros livros, por exemplo, o de José A. Vasconcelos (2016) *Reflexões: Filosofia e cotidiano*. No entanto, no livro de Maria L. A. Aranha e Maria H. P. Martins (2016) *Filosofando: introdução à filosofia*, adotado em várias escolas para os próximos três anos, a relação da filosofia com as questões de gênero está quase totalmente ausente.

tema é ainda mais importante diante de propostas conservadoras que fervilham país afora, querendo impedir o debate de temas como gênero e sexualidade na escola, sob o pretexto de que isso deve ficar a cargo da família e da Igreja, de que esse debate destruiria a família e que os professores estariam inculcando uma “ideologia de gênero”. Como afirma Aquino (2015), não existe “ideologia de gênero”; esse termo é usado para acusar de autoritários e impositivos aqueles que usam o termo gênero e afirmar que essa discussão seria mentirosa⁴. A filósofa estadunidense Nel Noddings (2003) alerta que, para que o diálogo ocorra na escola, uma das condições é discutir todos os temas que sejam de interesse intelectual dos alunos: Deus, sexo, medo, tristeza, felicidade, esperança, etc.

O ideal é que a escola seja um ambiente em que os valores, as crenças e as opiniões possam ser examinados de maneira crítica e apreciativa. É um absurdo supor que estamos educando quando ignoramos essas questões que estão no próprio cerne da existência humana (NODDINGS, 2003, p. 232).

O terceiro motivo que justifica o tema são as contribuições das três filósofas mencionadas acima para a questão da ética e sobre a ética na perspectiva feminina; isso, em certa medida, pode significar algo novo no ensino de filosofia na Educação Básica e desenvolver uma nova sensibilidade frente à vida e às relações coletivas.

A partir do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola foi desenvolvida a Produção Didático-Pedagógica, implementada em 2017 com estudantes da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Professor Nilso Franceski em Marechal Cândido Rondon. O problema de pesquisa foi: quais as principais contribuições de Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir com a reivindicação pela igualdade de direitos entre homens e mulheres? Em que medida essas pensadoras têm abordagens diferentes dos filósofos? Quais as suas contribuições para o tema da ética? Há em seus pensamentos uma ética do ponto de vista feminino? Quando há, o que muda na perspectiva de uma ética feminina?

O objetivo geral do Projeto foi aprimorar a fundamentação teórica sobre as mulheres na filosofia, o feminismo e a ética; contribuir para os estudantes desenvolverem a pesquisa filosófica nesse tema; debater, refletir e tomar posição sobre questões da vida cotidiana a partir de textos filosóficos. Alguns dos objetivos específicos foram: destacar a importância das mulheres na filosofia, sobretudo

⁴ Uma análise muito importante sobre a origem da suposta “ideologia de gênero”, dos interesses dos defensores dessa narrativa, da distorção que fazem em relação aos estudos de gênero e da exclusão social que promovem, pode ser encontrada na entrevista de Jimena Furlani (2016).

Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir; debater questões como as desigualdades de direitos entre homens e mulheres, a partir das contribuições das filósofas; tratar a ética de uma perspectiva feminina; auxiliar os estudantes na produção de vídeos a serem divulgados na internet.

2 Gênero, feminismo e a filosofia na perspectiva de gênero

O tema pesquisado tem como foco a relação da Filosofia com as questões de gênero. Mas o que é gênero? Segundo a filósofa portuguesa Maria Luísa Ribeiro Ferreira (2009), no livro *As mulheres na filosofia*, o termo gênero tem vários significados e é um conceito antigo. Sexo é definido pelas diferenças biológicas entre homens e mulheres. Gênero é definido pelo dado cultural, pela masculinidade ou feminilidade que são convencionadas socialmente. O sexo é representado socialmente de modo complexo, que implica em certos valores, atitudes, comportamentos e expectativas atribuídas a homens e mulheres. Essa representação social do sexo é o gênero, que determina de modo simbólico como encarar o sexo e como vivê-lo em uma dada cultura. Segundo Ferreira, essa conceituação predominou nos anos 60 e 70 do século XX entre as filósofas que estudavam a condição feminina. Pensava-se o sexo como algo imutável e o gênero como algo variável. O gênero era visto como algo geralmente forjado por quem tem o poder, devendo ser desconstruído e desnaturalizado. A partir dos anos 80, acentuou-se uma visão dialética entre o biológico e o social. O corpo não é mais visto só como algo biológico, mas também como representação que surge do modo como cada um constrói sua identidade. A partir disso entende-se que não existe um só conceito de mulher, mas indivíduos do sexo feminino que se diferenciam entre si por classe, raça, etc. Assim, percebe-se que o próprio conceito de gênero não é único.

A partir das reivindicações do movimento feminista os estudos de gênero foram incluídos em várias ciências humanas e na filosofia. Hoje, segundo Furlani (2016), esses estudos são multidisciplinares e estão presentes em todas as ciências. Ferreira (2009) afirma que o termo feminismo começa a ser usado no final do século XIX, com várias tendências, mas com um ponto comum: manifesta-se na reflexão e na ação. Ele tem origem em uma pretensão ética e política, qual seja: lutar por direitos iguais entre homens e mulheres.

Também está presente no feminismo a defesa do direito das mulheres a ser diferente dos homens, a não se submeter aos padrões masculinos que imperam na

sociedade. A partir da década de 1960, a defesa da diferença passou a ter relevância. “As mulheres já não pretendem ‘ser como os homens’, antes exigem que seus valores sejam considerados” (FERREIRA, 2009, p. 23). Luis Felipe Miguel afirma que a diferença deve ser compatibilizada com a igualdade: “a verdadeira igualdade implica no reconhecimento das diferenças, para que todos possam usufruir da mesma autonomia” (MIGUEL, 2015). Para Miguel, as lutas para incluir as diferenças nas leis são fundamentais para a mulher ter acesso à esfera pública, contrariando o discurso que vê “privilégios” na proteção de gestantes, na ausência momentânea do trabalho para amamentar ou em cotas para mulheres em algumas funções. Não há espaço aqui para tratar da história e das tendências feministas.

Segundo a filósofa Alicia H. Puleo (2004), há quatro tipos de trabalhos na filosofia na perspectiva de gênero. O primeiro apresenta um olhar crítico sobre o discurso filosófico oficial procurando perceber como ele legitima as desigualdades de gênero e quais as contradições que isso gera nas teorias filosóficas. O discurso da filosofia é parte importante das relações de poder. Puleo afirma que:

o estudo do discurso filosófico na perspectiva de gênero nos mostra que muitas vezes – ou quase sempre –, quando há um discurso profundamente misógino ou sexista em filosofia, é porque paralelamente existe um discurso feminista nessa mesma época. Isso é muito interessante porque a história oficial da filosofia é como a história oficial em geral: uma história dos vencedores (PULEO, 2004, p. 16).

Um exemplo disso é o discurso do filósofo Rousseau, que inferioriza a mulher; trata-se de uma resposta ao pensador feminista do século XVII Poulain de La Barre que tinha muitos/as seguidores/as na época de Rousseau. O segundo tipo de trabalho se ocupa de recuperar textos filosóficos não-sexistas com objetivo de: a) recuperar a tradição filosófica que reivindica igualdade ou ao menos denuncia o machismo; b) fazer justiça a pensadores/as que foram capazes de superar preconceitos em sua época; c) compreender melhor a tradição filosófica oficial. O terceiro tipo de trabalho é o de reconhecimento das filósofas para acabar com sua invisibilidade; nesse caso procura-se, por exemplo, identificar se elas afirmaram algo diferente dos pensadores homens ou resgatar autoras que defenderam a igualdade entre os sexos. O quarto tipo de trabalho na perspectiva de gênero é o debate no interior do feminismo, discutindo, por exemplo, uma nova definição da cidadania, a ética do cuidado, a objetividade da ciência, as relações entre feminismo, ecologia e globalização. O trabalho desenvolvido no PDE apresentou alguns aspectos de cada tipo de estudo na perspectiva de gênero, com maior ênfase para o reconhecimento das filósofas e

suas contribuições para a igualdade entre os sexos. Também fez parte do estudo a ética na perspectiva feminina, que será tratado na sequência.

3 Ética na perspectiva feminina

De acordo com Sílvio Gallo (2013), as palavras ética e moral têm origem no grego. Para os gregos antigos, a moral é tudo o que é feito com base nos costumes partilhados pela comunidade e sem reflexão do sujeito. A ética refere-se “às ações refletidas, nas quais se pensa e sobre as quais se decide de acordo com o temperamento, com o caráter de quem as executa” (GALLO, 2013, p. 138). Na história da filosofia essas distinções foram objeto de profundos debates, assim como os critérios para se definir o que é uma vida ética, se é possível ou não estabelecer algum critério, etc. Álvaro Valls (1994) afirma que a ética é tanto a reflexão sobre os costumes ou ações humanas, como a própria vida relacionada ao que se considera correto. “A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento” (VALLS, 1994, p. 7). No feminismo há muitas contribuições e debates quanto ao tema da ética. Segundo Ferreira (2009) os diferentes feminismos contribuem na discussão sobre universalidade dos valores morais e na existência ou não de uma ética feminina. Uma das questões levantadas é a seguinte: é possível falar de uma moral masculina e de uma moral feminina?

Ferreira (2009) vê com bons olhos os estudos que apontam para a existência de uma moral feminina. Um exemplo é o da psicóloga estadunidense Carol Gilligan a qual afirma que há um pensamento moral feminino e outro masculino. O feminino destaca aspectos concretos, com ênfase no envolvimento com os outros. O seu paradigma é o da *relação*, destacando a relação mãe/filho. Já o pensamento moral masculino enfatiza a imparcialidade, objetividade e o distanciamento. O indivíduo é visto em sua autonomia. O seu paradigma é o da *transação*, privilegiando relações de tipo contratual. Segundo Ferreira (2009), Carol Gilligan questionou o modelo moral proposto por seu professor Lawrence Kohlberg que estabelece seis estágios de moralidade. Na sua crítica, Gilligan afirma que os dilemas propostos por Kohlberg ajustam-se aos homens, pois têm critérios e valores do pensamento moral masculino. Porém, as mulheres são sensíveis a dimensões afetivas e de relação, por exemplo, responsabilidade e atenção aos outros. Ao analisarem os dilemas morais, as mulheres se envolvem na situação, são tocadas por situações concretas e não por princípios abstratos. Isso leva as mulheres a ter um desempenho menor na escala de Kohlberg. Gilligan realizou um estudo com um grupo de mulheres,

confrontando-as com a questão do aborto. A partir daí ela passou a defender que há uma ética feminina do “cuidado”, assentada na capacidade de compreensão, empatia, preocupação com os outros e no amor. Na visão da “ética do cuidado”, a abstração e o não envolvimento atrapalham a compreensão da problemática moral.

Segundo Tânia A. Kuhnen (2014), Gilligan não afirma que há uma essência feminina pelo fato de ter uma voz moral diferente dos homens. O problema está na sociedade patriarcal, na qual ser homem é estar no alto da hierarquia social. A moralidade masculina e a feminina devem ser complementares. Saber que os sujeitos têm diferentes vozes morais e que podem lidar com os problemas morais de outro modo é um caminho para transformar a estrutura patriarcal.

No Brasil, uma das autoras que defende uma ética feminina é a filósofa Maria da Penha F. S. de Carvalho (2006). Carvalho defende uma ética feminina e propõe a feminização da sociedade. A feminização da sociedade é uma mudança radical nos valores, conceitos e princípios. Uma sociedade mais feminina será aquela que reconheça e acolha qualidades culturalmente associadas à mulher. Uma ética do ponto de vista feminino não é exclusivamente o ponto de vista da mulher. O “feminino” é entendido pela autora como um termo abrangente que designa sentimentos de cuidado, simpatia, compaixão, experiências de solidariedade, afetos, etc, que são *culturalmente* associados à mulher. “Feminino” é um conceito que serve de base para a crítica às éticas racionalistas excludentes, que, segundo Carvalho, surgiram na modernidade e ainda predominam atualmente. Essas éticas associam o “masculino” com o racional e o “feminino” com o sensível; como são estritamente racionalistas excluem as mulheres da dimensão ética.

Na sequência será tratado sobre algumas das contribuições das filósofas que foram o foco principal do estudo e implementação do PDE, tendo como orientação o problema de pesquisa apresentado na introdução deste artigo.

4 Heloísa de Paráclito, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir

4.1 Heloísa de Paráclito (1101-1164)

A filósofa Heloísa de Paráclito nasceu na França, que na época ainda não era um país unificado. Quase toda sua vida esteve ligada ao seu grande amor, o filósofo e teólogo Pedro Abelardo (1079-1142), com o qual teve um filho, casou-se secretamente e depois se comunicou principalmente por meio de cartas. Grande parte do que se sabe hoje sobre o drama de Heloísa e Abelardo provém das cartas

que ambos escreveram⁵. Heloísa destacou-se pela inteligência, dedicação à vida religiosa e aos estudos, mas também por ter divergido de Abelardo em várias questões (ROCHA, 1997).

Heloísa teve sua educação aprimorada na Abadia de Argenteuil. Frequentou a Escola-Catedral de Paris, onde seu tio Fulberto era tutor e cônego e Abelardo professor. Abelardo foi morar na casa de Fulberto e deu aulas para Heloísa. Os dois apaixonaram-se e Heloísa engravidou. Abelardo levou-a para a Bretanha, onde ela ficou até o nascimento do filho Astrolábio. Em seguida, propôs um casamento secreto. Heloísa tentou convencê-lo a não se casarem, mas a decisão de Abelardo prevaleceu. Posteriormente, ambos ingressaram para a vida religiosa⁶. Em que Heloísa se destacou e se diferenciou de Abelardo? Como ela aborda a ética? Ela foi mais consequente que Abelardo em termos éticos? Há contribuições de Heloísa para a condição da mulher? Essas questões também foram problematizadas ao longo do Projeto.

Segundo Patrícia Rangel (2010), Heloísa superou todas as mulheres do seu tempo e quase todos os homens. Desde jovem ela rompeu com a tradição e a moral de sua época, ao enfrentar o relacionamento escondido com seu mestre e se contrapor ao dogma do casamento e da virgindade. Heloísa se posicionou contra o casamento. Mas o que estava errado com o casamento? Estêvão (2015) afirma que havia razões relacionadas a Abelardo e razões mais importantes relacionadas a Heloísa. Abelardo, como todo professor medieval, era um clérigo, ou seja, tinha “licença” da Igreja Católica para ensinar. Ele não estava proibido de casar, mas este seria um sinal de fraqueza. Além disso, casar significava submissão, já que há obrigações conjugais. E o casamento iria comprometer “a posição de Abelardo como filósofo” (ESTÊVÃO, 2015, p. 21). Heloísa concordava, mas adicionava outros motivos contra o casamento: ela não queria que a julgassem como “interesseira”, nem que estivesse preocupada apenas com seus desejos. Para Estêvão (2015), a posição de Heloísa é de afirmação da liberdade, do amor como movimento interior contra a instituição (casamento); isso seria a tradução prática de teses defendidas por Abelardo.

⁵ Há várias cartas entre Abelardo e Heloísa. A parte essencial, segundo Rocha (1997) são cinco cartas de caráter pessoal. São essas as que foram utilizadas na pesquisa do PDE.

⁶ O filme *Em nome de Deus*, dirigido por Clive Donner, retrata a vida de Heloísa e Abelardo. Esse filme foi trabalhado em sala durante a implementação do Projeto com os estudantes.

Rangel (2010) afirma que hoje é difícil entender e aceitar os motivos do casal. Ambos concordavam que a grandeza de um filósofo dependia de sua continência, mas tiveram atitudes diferentes: Abelardo, preocupado com sua reputação e guiado pela vaidade, queria o casamento secreto. Já Heloísa era contra qualquer casamento, “pensando na grandeza de seu amado, desejando sua glória e guiada por uma perfeita retidão” (RANGEL, 2010, p. 82). O dilema moral de Heloísa era o seguinte: ela considerava-se culpada, mas também inocente. Culpada por ter casado com Abelardo. Ela culpava-se pela vingança de Fulberto, que mandou castrar Abelardo e pela desgraça que ocorreu com ele. Mas se considerava inocente ao ter sido amante de Abelardo e nunca ter se arrependido disso.

Rangel afirma que para tranquilizar-se em relação a esse dilema, Heloísa utiliza-se da doutrina do amor puro e da moral de intenção. O fundamento da vida de Heloísa era não ter reservado nada para si. Ela amava Abelardo de forma desinteressada e completa. Esse amor total fundava-se na doutrina do filósofo romano Cícero sobre a natureza desinteressada da amizade. Heloísa foi instruída por Abelardo, mas soube colocar essa doutrina em prática melhor que ele. Isso se manifesta em sua recusa ao casamento e, mais tarde, como abadessa do mosteiro do Paráclito, Heloísa conclui que sempre amou Abelardo sem esperar nada dele. Porém, o amor de Abelardo nunca foi puro, o que ele sentia era apenas desejo.

Segundo Estêvão (2015), na sua ética, Abelardo reformula a noção de pecado e afirma que o pecado não está no que se faz, mas na *intenção* de desobedecer à lei de Deus. Portanto, a avaliação moral está na intenção e o pecado é uma questão de consciência. A “História das Calamidades” de Abelardo (carta I) e as cartas de Heloísa seriam um exame de consciência, que busca conhecer melhor os desejos e as inclinações, as intenções de suas ações e analisar se são ou não compatíveis com a vontade de Deus. Heloísa faz isso de modo exemplar, como mostraremos.

Vimos anteriormente que o amor de Heloísa é um amor puro, desinteressado. Segundo Estêvão (2015), Heloísa aprendeu com Abelardo que “conhecer a si mesmo” está limitado à consciência de cada um. Assim, a identidade do indivíduo é preservada e o amor de Heloísa também é o amor por um indivíduo, ou seja, por Abelardo. É um amor puro em suas intenções, mas não pode ser transferido para Deus e, com ele, para todas as pessoas. Ora, é isso que Abelardo cobra de Heloísa na carta V, ao afirmar que Heloísa não era mais sua esposa, mas esposa de Cristo.

Ele também afirma que não amava Heloísa verdadeiramente, mas Cristo a amava. Ou seja, Heloísa foi mais consequente que o próprio Abelardo em aplicar a ética da intenção; vejamos como Heloísa o faz:

Sou muito culpada, mas, como sabes, sou muito inocente, pois no delito, o que conta não é o que é feito, mas a intenção do agente. [...] Que intenção, porém, sempre tive a teu respeito, só tu que fizeste a experiência podes julgar. Tudo submeto ao teu exame e tudo cedo ao teu testemunho. (HELOÍSA. Segunda Carta. In.: Rocha, 1997, p. 189)

Deste modo, um ato pode ser legítimo e culpável ao mesmo tempo. Foi essa a doutrina que Heloísa usou para acalmar seu coração e se convencer da pureza do seu amor. Porém, a moral da intenção se voltava contra Heloísa em relação a Deus e as boas ações que ela praticava. A ação só é boa se a intenção for igualmente boa. Heloísa afirma seu amor por Abelardo, não por Deus. Realizar boas ações sem amar a Deus não contribui com a salvação. Isso era algo muito forte para alguém que viveu no século XII. Vejamos as palavras de Heloísa:

Não foi o amor pela vida religiosa, mas somente uma ordem tua que levou uma jovem adolescente às asperezas da vida monástica. Portanto, se nada mereço diante de ti, avalia quão inutilmente eu sofro. Sobre isso, nenhuma recompensa devo esperar de Deus, pois é certo que nada fiz por seu amor. (HELOÍSA. Segunda Carta. In.: Rocha, 1997, p. 191)

Há contribuições de Heloísa para a mudança da condição da mulher? Não está presente a reivindicação pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Rocha (1997) afirma que mesmo Heloísa sendo uma mulher diferente e muito culta, ela foi marcada pelo seu tempo, onde prevalecia uma visão negativa sobre a mulher. Para os medievais, a mulher, às vezes, era exaltada como sublime (o modelo era Maria), outras vezes desprezada como culpada pela perdição do homem (o modelo era Eva). No século XII a mulher ainda não tinha se libertado da cicatriz de Eva e o prazer era considerado pecado, sendo apenas tolerado para procriação. Porém nesse último aspecto, Heloísa divergiu da visão de sua época, ao mostrar que era inocente e não se arrependia dos prazeres que teve com Abelardo, aplicando aí a ética da intenção. Outro exemplo da ruptura é sua atitude contra o casamento, embora alguns dos argumentos apelassem para o modo negativo de ver a mulher.

Heloísa não é uma precursora do feminismo, mas, como visto, ela apresentou contribuições importantes. Seu modo de abordar a ética é exemplar, pois aplicou as teorias de Abelardo a seus dilemas concretos e o superou. Ela procurou manter sua autonomia no modo de pensar e encarar a vida. Ela defendeu o prazer, questionou o amor a Deus, afirmou a vida e o amor imanente (por Abelardo e não por Cristo). Por

tudo isso, podemos dizer que há uma ética feminina na vida e no pensamento de Heloísa, que a diferenciou em vários aspectos do pensamento de Abelardo.

4.2 Mary Wollstonecraft (1759-1797)

Filósofa inglesa, Mary Wollstonecraft nasceu em uma família de classe média, que perdeu seu “status” social devido aos desmandos do pai. Mary teve que transpor vários obstáculos já na infância e na adolescência, devido à crueldade de seu pai, à fraqueza e parcialidade da mãe (que preferia o filho mais velho) e ao modo como ela própria, Mary, defendia a mãe dos maus tratos do pai.

De acordo com Ferreira (2009), a originalidade de Mary está no caminho que traçou para si e nas perspectivas que abriu à condição feminina da época. Recusou paternalismos, se impôs pelo trabalho e pela pesquisa intelectual. Lutou por uma causa, com base nas vivências e no estudo. Ela não se integrou à visão de mundo da época. Escreveu textos variados em sua curta vida de 38 anos: romances, cartas, relatos de viagens, ensaios, tratados de pedagogia, etc. Uma das suas principais obras é *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (2015).

Mary Wollstonecraft enfrentou vários escritores machistas de sua época. Um deles foi o filósofo Rousseau. Para Ferreira (2009), Rousseau escreve ensaios onde a mulher tem um papel importante, mas ele também é responsável por representar a mulher de modo inferior, principalmente em sua obra *Emílio*, na qual afirma, por exemplo, que a mulher deveria ser educada para agradar o homem, ser útil a ele e cuidar dos filhos. Para Mary Wollstonecraft, o modelo de mulher defendido por Rousseau é uma mulher fraca e submissa, sem personalidade. Parece ser bem atual essa crítica, especialmente àqueles que defendem uma mulher “bela, recatada e do lar”. Um dos pontos centrais das teses de Wollstonecraft é a ênfase em que a mulher exercite o seu entendimento, exercite a razão. Nas palavras da filósofa:

Contudo, Rousseau e a maioria dos escritores masculinos que seguiram seus passos, calorosamente inculcaram que toda a tendência da educação feminina deve ser direcionada para um ponto: torná-las agradáveis. [...] Para ganhar os afetos de um homem virtuoso, o fingimento é necessário? A natureza deu a mulher uma estrutura física mais fraca que a do homem; [...] A fraqueza pode estimular a ternura, e gratificar o orgulho arrogante do homem, mas os afagos insolentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre que pede e deseja ser respeitada. [...] Além disso, a mulher que fortalece seu corpo e exercita sua mente irá, ao administrar sua família e praticar várias virtudes, tornar-se uma amiga, e não a dependente humilde de seu marido (Wollstonecraft, 2015, p. 52 e 54).

De acordo com Ferreira (2009), a filósofa do século XVIII foi a primeira a distinguir sexo e gênero, embora não use esses conceitos, pois preparou o terreno

para a separação entre o biológico e o cultural. Um exemplo disso pode ser visto nos seguintes trechos de *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*:

Quanto às observações de Rousseau, as quais desde então tem sido ecoadas por vários escritores, de que elas naturalmente têm, provenientes de seus nascimentos, independente da educação, um carinho pelas bonecas, vestimentas e conversas – elas são tão pueris a ponto de não merecerem uma refutação séria. [...] Meninas e meninos, resumidamente, brincariam inofensivamente juntos, se a distinção do sexo não fosse inculcada muito antes da natureza fazer qualquer diferenciação (Wollstonecraft, 2015, p. 69-71).

Segundo Ferreira, o “Ouse saber!” que Kant dirigiu à humanidade é direcionado por Mary Wollstonecraft às mulheres. A época do Iluminismo em que ela viveu é sensível aos direitos dos homens, mas as mulheres não estão automaticamente incluídas. Daí a necessidade de retirar a mulher da menoridade, elevando-a a um ser humano completo; isso exige aprendizagem paciente, esforço, uma educação com objetivos definidos e que combata os preconceitos.

Wollstonecraft é uma precursora do feminismo. Ela afirma que uma das causas principais da mulher não estar numa condição de igualdade em relação ao homem, é que ela é educada através de vários meios a exercer apenas a sua sensibilidade. A mulher fica presa aos seus sentidos, o que produz um rebaixamento moral. Para ter igualdade entre os sexos, ela precisa ser educada para exercitar a razão, que é o único fundamento para o caráter independente. “Para se tornar respeitável, o exercício do entendimento é necessário, não há outro fundamento para a independência de caráter; eu quero explicitamente dizer que elas devem apenas se curvar para a autoridade da razão” (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 81).

Como se coloca o tema da ética? Há uma ética feminina nessa perspectiva? A reivindicação de Wollstonecraft pela igualdade entre homens e mulheres expressa uma ética, pois significa a defesa da libertação da mulher em relação à opressão. Também há no seu pensamento a defesa de virtudes, principalmente a modéstia, a qual se diferencia da humildade e da vaidade que não são virtudes. “A modéstia, neste último significado do termo, é aquela sobriedade da mente que ensina o homem a não pensar mais do que deveria de si mesmo, e deve ser distinguido da humildade, porque humildade é um tipo de autodegradação” (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 175). Homens e mulheres precisam cultivar a modéstia, mas para as mulheres isso é mais difícil, porque elas precisam buscar o conhecimento ao qual não foram estimuladas e reduzir o exercício da sensibilidade, ao qual foram

estimuladas em excesso. Há uma relação entre igualdade, moralidade e virtude. Vejamos:

Deve haver mais igualdade na sociedade, ou a moralidade nunca irá ganhar terreno, e esta igualdade virtuosa não irá descansar firmemente, mesmo se fundada em uma rocha, se metade da humanidade for acorrentada ao fundo, pelo destino, pois isto irá continuamente miná-la pela ignorância ou orgulho. É em vão esperar virtude das mulheres até que elas sejam, em algum grau, independente dos homens, mais ainda, é em vão esperar a força da afeição natural, que poderia fazer delas boas esposas e mães. (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 202)

A ética feminina está presente na ênfase de Wollstonecraft para que a mulher exercite seu entendimento, saia da condição de menoridade e alcance a igualdade. Ferreira (2009) afirma que Wollstonecraft também é precursora quanto à ética feminina do cuidado, ao destacar funções de mãe e educadora. “A maternidade torna-se um verdadeiro cartão de cidadania. É por ela que a condição feminina adquire um justo prestígio” (FERREIRA, 2009, p. 147). De fato, Wollstonecraft defende que as mulheres têm pleno direito às mais variadas profissões, mas afirma que o cuidado das crianças é um dever natural das mulheres e que para ser uma boa mãe é preciso ter um grande desenvolvimento intelectual. O papel das mães é fundamental, principalmente nos primeiros anos de vida das crianças, quando o caráter é formado. Os cuidados com a saúde da família também são atribuições da mulher. Mas tudo isso só é possível de ser efetivado se houver igualdade entre os sexos. Essa ideia do cuidado como um dever da mulher pode ser interpretada hoje como um resquício de machismo, como legitimação da dupla jornada, etc. Mas até nesse aspecto Mary esteve à frente de seu tempo, pois essas afirmações estão fundadas na necessidade de autonomia feminina, de reconhecimento social da maternidade e da mesma educação para homens e mulheres.

4.3 Simone de Beauvoir (1908-1986)

A filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) nasceu em Paris, numa família burguesa. Conforme Voltaire Schilling, o futuro que aguardava Simone de Beauvoir era o de um casamento arranjado, o cuidado do lar e dos filhos, etc. Mas ela foi se indignando contra tudo isso. “Indignou-se que os interditos feitos às mulheres em geral não eram estendidos aos homens, como se eles pertencessem a outro planeta” (SCHILLING, 2015, s/p). Simone negou-se a se casar, ter filhos e ser dona de casa. Uma biblioteca de Paris, com um acervo impressionante, foi o passo decisivo na vida de Beauvoir. Simone e Sartre formaram um casal diferente do convencional: uma relação aberta, sem casamento legal, sem filhos, uma vida

dedicada à filosofia. Foi um escândalo, pois não se admitia que um homem e uma mulher, ambos de classe média, vivessem maritalmente “sem registro passado por um juiz de paz ou a benção de um sacerdote” (SCHILLING, 2015, s/p).

De acordo com Ferreira (2009), vida e pensamento são inseparáveis na visão de Simone de Beauvoir. A sua vida é também temática de seus textos. Ela escreveu romances, diários de viagem, textos de caráter sociológico e ensaios. Em todos há elementos filosóficos, embora os ensaios tenham um estatuto filosófico mais rigoroso. Simone publicou várias obras, uma das mais importantes é *O segundo sexo* (1980). Mesmo atuando com Sartre nas causas políticas (como a luta pela independência da Argélia e contra a guerra do Vietnã) e assumindo as premissas do Existencialismo, Simone de Beauvoir tem ideias próprias e teses originais. Todos os ensaios de Beauvoir são dominados pelo tema da ética. O tema da opressão interessa à filósofa, que coloca a situação da mulher num plano mais concreto e específico que Sartre. A causa das mulheres é um dos projetos que Simone de Beauvoir mais se empenha. Das várias questões que aborda nas obras, a liberdade tem um papel superior, apesar de a maioria das pessoas fugir da liberdade. Para ela, “ser livre é assumir a liberdade através de projectos que a cada momento são escolhidos” (FERREIRA, 2009, p. 189). A obra *O segundo sexo*, publicada em 1949, tornou-se referência nos estudos de gênero; ela busca desfazer consensos e obrigar a sociedade a se confrontar com seus mitos. Assim como Wollstonecraft, Beauvoir é severa com as mulheres, mostrando que algumas são cúmplices da opressão masculina.

O volume 2 da obra *O segundo sexo* inicia com uma frase famosa e que causa polêmica até hoje: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Essa é uma tese revolucionária: a feminilidade não é de nascimento, as mulheres a aprendem de forma dolorosa; não há uma natureza feminina nem determinismo biológico. A feminilidade é uma construção social e cultural. Daí fazer sentido diferir sexo e gênero.

A construção da feminilidade já começa na infância e continua vida afora. Por exemplo, na infância meninos e meninas têm tratamento diferente. Aos meninos recusam-se beijos e carícias; dizem a eles: “um homem não pode chorar”; têm aprovação dos adultos na medida em que se libertam deles e são educados para ter orgulho da masculinidade, a qual encarna-se no pênis. Por outro lado, as meninas são acariciadas, grudadas aos pais; seus caprichos e lágrimas são perdoados; com

proibições, imagens e palavras, a menina aprende que é preciso ser bonita para agradar: olha no espelho, imita as princesas, etc. Deste modo, o menino é educado para a liberdade, para afirmar projetos concretos; não há oposição entre sua construção social e seus projetos. A menina, no entanto, é educada para ser objeto, para não ser livre, para abrir mão de sua autonomia. O adolescente vai para a vida adulta de forma autônoma, desde cedo tem grande liberdade; enquanto a adolescente deve ficar em casa e quando sai é fiscalizada. Simone de Beauvoir afirma que a mulher é obrigada ao controle de si: isso mata a espontaneidade, provoca timidez que deixa marcas por toda a vida; as mulheres pensam que os triunfos são só dos homens. A feminilidade vai sendo construída transformando a mulher em objeto. “Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil.” (BEAUVOIR, 1980, p. 73). Para Beauvoir, a jovem tem condições de ser autônoma, mas as dificuldades são muito maiores do que as do rapaz:

Forma-se um círculo vicioso: espantamo-nos muitas vezes, ao ver com que facilidade uma mulher pode abandonar a música, os estudos, a profissão logo que encontra um marido; é que empenhara demasiado pouco de si mesma em seus projetos para descobrir grande proveito na realização deles. Tudo contribui para frear sua ambição pessoal, enquanto uma enorme pressão social a convida a encontrar uma posição social no casamento, uma justificação (BEAUVOIR, 1980, p. 107-108).

Simone de Beauvoir afirma que só o trabalho pode assegurar a liberdade concreta da mulher, com ele a mulher afirma-se como sujeito. Porém, o direito de voto somado ao trabalho ainda não é a libertação da mulher, devido à exploração do trabalho e à permanência do trabalho doméstico como se fosse algo natural da mulher. Em uma entrevista de 1975, Beauvoir afirma que o essencial para a mulher é ter independência econômica, mesmo que precise assumir todo o cuidado do lar. Sem independência, a mulher será obrigada a se submeter aos caprichos do marido ou ficar com alguém que não gosta mais, o que é comparável à prostituição. “A mulher que fica com o marido só pelo dinheiro, porque não pode ganhar a vida, abdicou de seu valor e dignidade humana” (BEAUVOIR, 1975, s/p).

Mesmo as mulheres que alcançam na profissão uma autonomia econômica, apenas percorreram metade do caminho para a igualdade em relação aos homens. “A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem.” (BEAUVOIR, 1980, p. 451). A mulher libertada vive um conflito: para realizar sua feminilidade, cobra-se dela que seja objeto e presa. Ela se recusa a isso e, por outro lado, não pode

repudiar o sexo; em ambos os casos seria mutilação e renúncia “a uma parte de sua humanidade” (BEAUVOIR, 1980, p. 452).

Segundo Puleo, a obra *O segundo sexo* foi “uma voz no silêncio” porque ao ser escrita não havia movimento feminista. “O sufragismo tinha acabado e havia-se produzido a volta à casa das mulheres após a Segunda Guerra Mundial” (PULEO, 2004, p. 25). Mas alguns anos depois a obra produziu uma revolução nos costumes com o feminismo contemporâneo, pois influenciou as líderes desse movimento.

Apresentamos alguns itens da enorme contribuição de Simone de Beauvoir para a reivindicação pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Não há, entretanto, uma ética feminina do cuidado, pois segundo Ferreira (2009), Beauvoir critica certas noções atribuídas às mulheres, julgando-as como imposição de uma sociedade machista; noções tais como doçura, compaixão, cuidado dos outros. Mas há uma ética feminina em várias outras questões presentes na obra de Beauvoir, tais como: o questionamento dos inúmeros preconceitos em relação à mulher, mostrando suas origens sociais e culturais; a desconstrução da mulher como objeto enfatizando a necessidade de que ela seja autônoma, construtora do seu próprio destino.

5 Implementação do Projeto e debates no GTR: metodologia, resultados, limitações e possibilidades.

Como afirmado na introdução, a implementação ocorreu em 2017 com estudantes da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Professor Nilso Franceski. A metodologia foi embasada nas Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná, que propõe quatro passos para o ensino: mobilização para o conhecimento ou sensibilização, problematização, investigação e criação de conceitos. A Produção Didático-Pedagógica foi desenvolvida no formato de Caderno Pedagógico, contendo quatro unidades que estão vinculadas. A implementação compreendeu um total de 40 horas/aula presenciais, de fevereiro a meados de julho. Avalio que inseri muitos conteúdos para serem trabalhados em 40 horas/aula; assim algumas atividades que estavam previstas para serem feitas em sala, acabaram sendo realizadas extraclasse. Isso dificultou um pouco, mas não comprometeu o trabalho com os estudantes. O cronograma da implementação sofreu alguns imprevistos, mas foi possível concluir no prazo. Com base nas aulas e nas avaliações realizadas, acredito que a compreensão média da turma sobre o tema ficou um pouco abaixo do esperado. Isso, em termos gerais, pois vários alunos se

destacaram, participaram bastante das aulas e tiveram um bom resultado nas avaliações. Percebi dificuldade de compreensão dos textos das filósofas, o que pode ser explicado pela pouca familiaridade com esse tipo de estilo texto. A turma teve grande envolvimento nas dinâmicas, em um pequeno teatro, na confecção e apresentação dos cartazes, no debate de pequenos vídeos e trechos de músicas, no trabalho com o filme sobre Heloísa e Abelardo, em parte das atividades de compreensão de texto e reflexão. Mas nas partes mais teóricas das aulas, o envolvimento foi menor.

Em certa medida foi feita a avaliação das aulas da implementação do Projeto pelos estudantes. Isso ocorreu em dois pré-conselhos conduzidos pela coordenação do colégio e na avaliação que fiz com a turma após a implementação. Os estudantes apontaram que a explicação foi boa, assim como a interação do conteúdo com a realidade; que o assunto é complexo, mas foi abordado com metodologia diversificada; afirmaram ter gostado das aulas e da produção de vídeos. Também afirmaram ser importante o estudo das filósofas e que o tema foi positivo para questionar preconceitos. Alguns apontaram também ser cansativo o conteúdo, outros afirmaram que o material utilizado é melhor que o uso do livro didático e outros reclamaram das polêmicas que ocorreram em sala. Houve ainda uma crítica no sentido de falta de comprometimento de parte de alguns alunos na elaboração dos vídeos. Foram elaborados 5 vídeos em grupos sobre o tema. O planejamento inicial era de 4 vídeos, mas um dos grupos se dividiu. Os vídeos são: “As mulheres na filosofia e o feminismo”; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxooVj0XOUA>. “Ética na perspectiva feminina”; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewYXckMGP2k>. Heloísa de Paráclito; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBW656PX85E>. Mary Wollstonecraft; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Rlur1U5Td0>. Simone de Beauvoir; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-thaYFHP5oY>.

As atividades desenvolvidas no Grupo de Trabalho em Rede (GTR) sobre o tema do PDE com professores/as da rede estadual foram muito positivas. Os debates foram significativos, com os/as cursistas ampliando e aprofundando o tema, trazendo contribuições de outros/as pensadores/as, outros enfoques como o feminismo negro e o debate sobre a mulher com deficiência, compartilhando mais de 20 artigos e outros textos. Além disso, foi compartilhada uma lista de sugestões de

livros, filmes, músicas, vídeos, quadrinhos sobre o tema ou relacionados a ele. Os/as cursistas afirmaram que o Projeto de Intervenção Pedagógica poderia ser aplicado no seu local de trabalho, seja da forma em que está ou com adaptações, alguns sugerindo um trabalho interdisciplinar e até o envolvimento de toda a comunidade escolar. Foi muito frequente a ênfase na necessidade de discutir esse tema nas aulas de filosofia e para além da filosofia. Na atividade em que os/as cursistas apresentaram um novo olhar sobre uma parte da Produção Didático-Pedagógica as contribuições também foram enriquecedoras, no sentido de propor novos materiais didáticos, novos métodos de trabalho e enfoques, outros autores, etc. Foi grande o número de comentários sobre o machismo no meio social onde as escolas estão inseridas e no interior das escolas (tanto de alunos, como de profissionais da educação), o que reforça a necessidade de debate dessa temática. Durante o GTR foram feitos comentários positivos sobre a importância da temática, dos materiais disponibilizados, da troca de experiência entre os/as cursistas e um relato de mudança no Plano de Trabalho Docente (PTD) por influência do estudo do GTR. Por último, destacamos que as possibilidades de pesquisa apresentadas pelos/as cursistas ao final do GTR também foram bastante enriquecedoras.

6 Considerações Finais:

O esforço foi grande desde a elaboração do projeto até a conclusão do GTR e da implementação. Mesmo com as dificuldades apresentadas, avaliamos que os objetivos foram atingidos. O enriquecimento pessoal e as novas possibilidades de estudo da filosofia discutidas com estudantes e com professores/as no GTR foram significativos. O tema da pesquisa foi bastante amplo. Isso impediu maior aprofundamento no estudo das filósofas, mas permitiu uma visão geral de várias questões referentes à presença das mulheres na filosofia. Assim, espero ter contribuído um pouco com novas possibilidades de pesquisa filosófica e com alguns elementos novos no ensino de filosofia na educação básica.

REFERÊNCIAS:

- AQUINO, Renata. *O que se fala quando se fala sobre “ideologia de gênero”*. 17 ago. 2015. Disponível em: <<https://liberdadeparaensinar.wordpress.com/2015/08/17/o-que-se-fala-quando-se-fala-sobre-ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 04 jul. 2016.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980.

- BEAUVOIR, Simone de. *Por que sou feminista* (1975). Entrevista com Simone de Beauvoir realizada em 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-F2bwGtsMM>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. Ética e gênero: a construção de uma sociedade mais feminina. *Kalagatos – Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 67 a 89, verão de 2006.
- ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. 1. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2015.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As mulheres na filosofia*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
- FURLANI, Jimena. *Existe “ideologia de gênero”?* Entrevista a Agência Pública (Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo). 30 ago 2016. Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>. Acesso 08 out. 2017.
- GALLO, Sílvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2013.
- KUHNEN, Tânia Aparecida. A ética do cuidado como teoria feminista. In.: *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. Londrina, 27 a 29 maio 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_T%C3%A2nia%20Aparecida%20Kuhnen.pdf>. Acesso em: 24 out 2016.
- MIGUEL, Luis Felipe. Sete ensinamentos do feminismo para a teoria política. *Blog da Boitempo*, 02 abr. 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/02/sete-ensinamentos-do-feminismo-para-a-teoria-politica/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- NODDINGS, Nel. *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. Tradução Magda Lopes. São Leopoldo : Unisinos, 2003.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Filosofia, 2008.
- PULEO, Alicia H. “Filosofia e gênero: da memória de passado ao projeto de futuro”. In.: GODINHO, T.; SILVEIRA, M. L. (Org.) *Políticas públicas e igualdade de gênero*. São Paulo: Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, nº 8, 2004, p. 13-34.
- RANGEL, Patrícia. A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata. *Revista de Estudo Hum(e)anos*. Nº 0, p. 74 a 95, 2010/01. Disponível em: <<http://revista.estudoshumeanos.com/a-abadessa-infiel-e-o-cavaleiro-apostata/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- ROCHA, Zeferino. *Abelardo-Heloísa, cartas: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas por Zeferino Rocha*. Edição Bilingue. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
- SCHILLING, Voltaire. Conheça a vida da filósofa Simone de Beauvoir. *Portal de Notícias Terra*. 31 out. 2015. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/historia/conheca-a-historia-de-simone-de-beauvoir,48a26c5cefe0d00572b1eed7ef7e240dt6a91osm.html>>. Acesso em: 18 jul. 2016.
- VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- VASCONCELOS, José Antonio. *Reflexões: Filosofia e cotidiano*. São Paulo: Edições SM, 2016.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: EDIPRO, 2015.